



SALA DE AULA DE LITERATURA: UMA BREVE ANÁLISE DA EXPERIÊNCIA DE REGÊNCIA EM ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Edvânia Santos Porto (UFCG)

Igor Soares Araújo (UFCG)

RESUMO

O trabalho ora apresentado teve como objetivo fazer uma breve análise de nosso período de regência para integralização da disciplina de Estágio em Literatura – Ensino Fundamental na Escola Estadual de Ensino Fundamental José Pinheiro, em uma turma que contemplou 6º, 7º e 8º anos. Apresentamos uma pequena conceituação histórica e estrutural do cordel, nosso objeto principal de trabalho na regência, além do que contemplamos um pouco da ação do professor em sala de aula. Nossa regência se baseou na apresentação dos textos de cordel e em aulas expositivo-dialogadas visando à análise das obras e aplicação aos contextos de vivência dos alunos. Baseamos tanto nossa escrita do presente artigo como também o trabalho efetivo em sala de aula em alguns teóricos como Cosson (2009), no que concerne ao letramento literário, além de Pinheiro (2007), no que diz respeito a poesia tratada em sala de aula, dentre outros autores que também versam sobre literatura e esta aplicada ao ensino. Houve alguns percalços tanto de ordem infraestrutural quanto de ordem interpessoal, mas conseguimos ministrar as aulas e tivemos participação de grande parte da turma, fazendo com que pudéssemos realizar um trabalho satisfatório mesmo com o tempo reduzido como é o do estágio, que está estimado em 10 (dez) horas/aula. Também pudemos perceber que o cordel é um meio que chama muito à atenção os alunos e provoca sensações a partir da leitura literária, no que concerne tanto a sua estrutura como no modo como se lê as histórias que são narradas poeticamente no gênero.

Palavras-chave: Regência, Estágio Supervisionado, Literatura de Cordel, Sala de aula.

ABSTRACT

The work presented herein aimed to make a brief analysis of our regency period for payment of Internship course in Literature - Primary Education in the State School of Education Elementary José Pinheiro, in a class that included the 6th, 7th and 8th grades. Here is a small historical and structural concepts of line, our main object of work in the regency, in addition to contemplate some of the teacher's action in the classroom. Our regency was based on the presentation of the line of text and expository-dialogued classes aimed at analysis of the works and application to the students' experience of contexts. We base both our writing of this article as well as the actual work in the classroom in some theoretical as Cosson (2009), concerning the literary literacy, and Pinheiro (2007), regarding poetry treated in the classroom among other authors who deal with literature and this applied to teaching. There were some mishaps both infrastructural order and interpersonal order, but we teach the classes and had much of the class participation, so that we could do a pretty good job even with the reduced time



as the stage, which is estimated at 10 (ten) hours / class. We could also see that the line is a medium that draws much attention to the students and causes sensations from the literary reading, with regard to both its structure and the way we read the stories that are narrated poetically in the genre. **Keywords:** Regency, Supervised Training, Cordel Literature, Classroom.

INTRODUÇÃO

O trabalho ora apresentado pretende refletir acerca da experiência obtida a partir da regência da disciplina de Literatura na sala de aula da Escola Estadual de Ensino Fundamental José Pinheiro (doravante Estadual de José Pinheiro ou EJP), situada no bairro de mesmo nome, no município de Campina Grande, estado da Paraíba.

Em todos os aspectos, a regência em sala de aula é uma tarefa árdua. Além do planejamento para as aulas, toda uma gama de estímulos internos e externos influem direta ou indiretamente na nossa atuação. Problemas internos concernentes à escola e a sai mesmos, como falta de uma infraestrutura adequada e a preocupação por ter de fazer um trabalho real, dentro de sala, e externos, como a distância da escola para a sua casa, são fatores que podem vir a ser um peso ou uma solução para o professor. Convém citar uma passagem de Passerini (2007, p. 18) acerca do que circunda a formação do professor:

o processo de formação do professor é contínuo, inicia-se antes mesmo do curso de graduação, nas interações com os atores que fizeram e fazem parte de sua formação. E este processo sofre influência dos acontecimentos históricos, políticos, culturais, possibilitando novos modos de pensar e diferentes maneiras de agir perante a realidade que o professor está inserido.

Ou seja, a regência se revela muito mais do que a mera propagação dos conteúdos, mas levar em consideração os fatores externos e extemporâneos. Acerca do trabalho do professor, nos embasamos em Cosson (2009), dentre outros, que versam acerca do tema educacional.

Além disso, outro fator que se revela importante é o objeto de estudo que nós levamos em consideração quando da regência. No nosso caso, o que abordamos foi a literatura de cordel, poemas muito sugestivos e de elevada carga estrutural, linguística e, acima de tudo, evoca, geralmente, a terra em que nós estamos situados, o Nordeste brasileiro. Por estar situados e a literatura ser, muitas vezes, o retrato da vida do habitante do Nordeste, é que resolvemos adotar a leitura do referido objeto dentro da



sala de aula. Autores como Pinheiro (2007) e Tâmega (1987) embasam nosso trabalho no que diz respeito ao cordel em sala de aula.

Nossa metodologia foi a de aulas expositivo-dialogadas, pois, como nosso objetivo principal era transmitir a literatura de cordel, o método expositivo-dialogado era o melhor a ser adotado, pois, além de expor formalmente e fazer leituras do texto, conversamos sobre ele em seu aspecto estrutural e como as personagens se pareciam com os alunos. Por isso optamos pela metodologia acima referida.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste tópico enfatizaremos as percepções teóricas nas quais nos embasamos em tanto com relação ao cordel, quanto com relação à nossa ação em sala de aula. Antes disso, consideramos importante conceituar o nosso objeto de trabalho enquanto professores de literatura.

1. O CORDEL

Historicamente, o cordel é um tipo de literatura que surgiu em Portugal, mas que, com o processo de colonização, chegou ao Brasil, mais precisamente no nordeste brasileiro. Onde teve ênfase e aperfeiçoamento. O cordel abrangeu-se, tornando parte da nossa literatura.

Estruturalmente, o cordel é um poema composto, geralmente, por redondilhas maiores acomodadas em quadras (estrofes de quatro versos) podendo ser curto ou longo. Retrata, também de modo geral, a vida do povo nordestino, o *hábitat* em que está situado, seus trabalhos, suas festas, seus costumes, seu folclore. A linguagem também é um atributo que se revela forte no cordel. A linguagem do nordestino, com seus registros linguísticos próprios, o que nos leva a aculturar o poema à região Nordeste brasileira. Segue-se um adendo ao conceito de cordel:

Ao considerar a literatura de cordel em sua totalidade, tem-se logo a atenção despertada para o seu caráter eminentemente narrativo. Uma narrativa direta e objetiva, em que o *eu* do poeta é totalmente anulado, em que os fatos são contados de forma linear, sem *flash-backs* e sem antecipações. (RIBEIRO, 1987, p. 76)

Então, ao que se refere sobre o cordel, no fragmento anterior, é possível percebermos que não se pode dizer que é uma poesia voltada para a transcendência, mas para o real e de forma linear, ou seja, não havendo nenhuma forma de retorno ao que se passou, mas sempre seguindo o curso da “narrativa”, narrativa esta que não constitui como uma



narrativa em seu aspecto mais conhecido, em que não é composta por versos, nem, geralmente, rimas, mas pela narração de fatos numa cadeia lógica sucessiva – e nisso o cordel se assemelha à prosa – e de forma direta, sem divisão por versos.¹

As temáticas também constituem um fator importante para a adoção do cordel. Tâmega (1987) aduz o cordel como sendo caracterizado por conter uma temática mais voltado à épica, porém, segundo Ramos e Pinto (2015), é difícil aquilatar a abrangência da temática do cordel e cita uma passagem de Ariano Suassuna, em que este diz que dentro da literatura de cordel, quanto às temáticas, “tudo cabia dentro deles”.

Além disso, a musicalidade é outro fator preponderante para o estabelecimento do cordel, pois, ao ler seus versos, podemos imaginar a musicalidade que está presente no poema. Ramos e Pinto (2015, p. 38), ao dissertar sobre alguns aspectos da poesia de cordel, inclui-o na condição de componente da tradição oral, que acabe por se tornar parte de um padrão mnemônico, ou seja, o aspecto musical torna mais fácil a memorização.

Estes aspectos são fundamentais para a ação pedagógica por parte do professor, pois podem dar subsídios para o trabalho de reflexão sobre o poema e fazer com que os alunos se apropriem da literatura a partir dele.

2. O TRABALHO DO PROFESSOR

Como já dissemos anteriormente, o trabalho do professor é permeado por diversos fatores, tanto externos como internos à prática e até ao local em que ele realiza a prática. Sabemos que não é só estar de corpo presente transmitindo conteúdos de forma automática. O trabalho do professor, ainda mais do de literatura, é refletir sobre a literatura com os alunos, ou seja, apresentar, discutir, aplicar, transformar a literatura e trazê-la para o contexto em que está situado o aluno. Uma experiência que revela como se dá a literatura, principalmente a de cordel, em sala de aula é a retratada. Assim, convém ressaltarmos aspectos da literatura apresentados por Zafalon ():

A partir da leitura o indivíduo é capaz de compreender melhor sua realidade e seu papel como sujeito nela inserido. Os textos, especialmente os literários, são capazes de recriar as informações sobre a humanidade, vinculando o leitor aos indivíduos de outros tempos. Nas palavras de Larrosa (2000), ler consiste em ver as coisas diferentes, coisas dantes nunca vistas, entregar-se ao texto abandonar-

¹ Cabe ressaltar que existem prosas rimadas, como a “Última prosa rimada”, de Camilo Castelo Branco.



se nele e não apenas apropriar-se dele para nossos fins. As pessoas crescem lendo e são permanentemente leitoras em formação, recebendo a cada etapa de sua vida uma nova carga significativa para os conhecimentos já acumulados por suas leituras anteriores.

Do fragmento, podemos depreender que a leitura, principalmente a literária, não está somente situada na mera decodificação, mas no ato da leitura no que tange a ver as coisas de forma diferente, ou seja, que, a partir da leitura, novas coisas sejam descobertas nas que já foram lidas e relidas e descobertas novas coisas nas lidas pela primeira vez. Para isso é preciso que o leitor esteja situado no texto e se sinta como participante da leitura, isto é, aproprie-se da leitura de modo a fazê-la sua.

É este tipo de trabalho que o professor de literatura deve fazer, pois o professor deve fazer com que o leitor tenha uma representação do mundo sua através da leitura, ou seja, o objetivo do professor de literatura “é a formação de um sujeito leitor, responsável e crítico – capaz de construir o sentido de modo autônomo e de argumentar sua recepção – que é prevista aqui. É também, obviamente, a formação de uma personalidade sensível e inteligente, aberta aos outros e ao mundo que esse ensino da literatura vislumbra” (ROUXEL, 2013, p. 20). Tendo isso por base, o professor deve orientar o aluno leitor a estabelecer com a obra uma relação de familiaridade e construção de sua própria significação: “O leitor está, pois, diante da obra, que é o mundo em escala reduzida em sua complexidade, mas ela (a obra), diferentemente dele, (o mundo), guarda certa estabilidade – e estabelece com ela uma relação que é em certa medida solitária.” (JOVER-FALEIROS, 2013, p. 115).

Então fica evidente que o trabalho do professor de literatura é além de ensinar sobre o que é, tem por finalidade fazer com que o aluno possa saber o que está no texto e transformá-lo para que adquira significação para si próprio, i. e., apropriar-se do texto, torná-lo seu. Assim Cosson (2009, p. 65) explicita esta ação nos levando a compreender como professor deve participar dela:

[...] na escola é preciso compartilhar a interpretação e ampliar os sentidos construídos individualmente. A razão disso é que, por meio do compartilhamento de suas interpretações, os leitores ganham consciência de que são membros de uma coletividade e de que essa coletividade fortalece e amplia seus horizontes de leitura.

Tendo por base a consciência de que a literatura deve ser compartilhada para que seus sentidos sejam compreendidos e assimilados pelo próprio aluno, tornando-o seu, é que passamos à nossa regência.



A NOSSA REGÊNCIA

Nossa regência, apesar de alguns percalços, foi válida, pois pudemos, além de passar conhecimento, fazer com que os alunos participassem e, até certo ponto, se interessassem pelo trabalho que estávamos desempenhando dentro da sala de aula. Pudemos ler, reler e comentar um pouco acerca do poema, de suas características formais, de sua significação para a vida dos alunos. Aqui, convém citar Cosson (2009, p. 23):

[...] devemos compreender que o letramento literário é uma prática social e, como tal, responsabilidade da escola. A questão a ser enfrentada não é se a escola deve ou não escolarizar a literatura, como bem nos alerta Magda Soares, mas sim como fazer essa escolarização sem descaracterizá-la, sem transformá-la em um simulacro de si mesma que mais nega do que confirma seu poder de humanização.

Lê-se no fragmento que é responsabilidade da escola o poder de letrar literariamente o aluno, ou seja, fazer com que a leitura literária se torne numa ação social, em que a literatura se transforme num meio de ação no mundo em que vive e no contexto em que está inserido.

Ficamos responsáveis por uma turma da qual faziam parte alunos de 6º, 7º e 8º anos do ensino fundamental, turno noturno, no Estadual de José Pinheiro. Adotamos o cordel como objeto principal de nossa regência, literatura esta que está situada como uma literatura de cunho muito mais popular, o que pode nos dar ainda mais espaço para trabalharmos dentro de sala de aula, pois o cordel tem, como fatores principais, linguagem e temáticas que se aproximam da vida povo não somente do interior, mas também das cidades grandes.

Convém fazer uma citação da experiência de Pinheiro (2008, p. 71), a qual exprime bem como se dá o trabalho de um professor de literatura, utilizando-se do cordel em sala de aula:

Distante do Ceará, morando em Uberaba, ainda estudante de Letras, resolvi levar a poesia de cordel para a sala de aula. Encontro um fragmento de “As proezas de João Grilo”, e levo para uma turma de 7ª série. Estava apreensivo, não imaginava a reação dos alunos. Entreguei o texto, falei rapidamente o que era literatura de cordel e solicitei que lessem. Em meio à leitura individual, alguns não resistiram e soltaram o riso. A sala foi sendo contaminada. Fiz uma leitura tentando reproduzir o ritmo dos poetas populares. Mas, para a minha surpresa, os alunos queriam cantar. Lembrei-me de algumas melodias conhecidas e ali mesmo, com a ajuda dos alunos, fomos



cantando. [...] Dias depois, quando chegava à escola, fui chamado por um grupo de 4 ou 5 alunos. Uma trazia o violão. Sentamos num canto da quadra e cantaram, de cor, com acompanhamento, o fragmento levado para a sala de aula.

Como se tratou de um período de estágio, não ficamos por muito tempo a ponto de podermos executar um trabalho que pudesse dar frutos como o de Pinheiro proveu. Não tivemos tempo de tratar o cordel como tratou o professor a ponto de levar os alunos a tal nível de comprometimento com a disciplina e com o texto literário, o que, sem dúvida, é um pouco prejudicial, mas deu para trabalharmos ainda algo que pudesse servir de algum crescimento para a turma, em nossa opinião.

Mas há algumas semelhanças em nosso trabalho com o de Pinheiro, principalmente com um dos nossos objetos de trabalho. O primeiro cordel que nós trabalhamos quando da primeira semana de nossa regência no Estadual de José Pinheiro, foi “A maior mentira de Chicó”, em que pudemos observar a questão da mentira como tema principal do cordel, além de aspectos estruturais e linguísticos. Pudemos ler o poema, alguns dos alunos leram junto conosco e foi uma aula que pode ser considerada produtiva.

Convém ressaltar que o contexto da sala de aula onde o professor Pinheiro esteve situado (no ano de 1982) é quase que totalmente diferente do contexto em que nós trabalhamos (mês de abril do ano de 2016). As demandas são diferentes, a tecnologia era diferente; pelo que pudemos depreender da experiência, a abordagem poderia ser diferente, então, claramente, a questão contextual se revela diferente, mas com resultados, até certo ponto, semelhantes. Não tivemos como resultado um minissarau poético, em que os alunos trouxeram violão e musicaram os cordeis, mas, guardadas as devidas proporções, o resultado foi que os alunos participaram e bem, lendo, sorrindo ao ler o poema dado o anedotário que fazia parte do cordel e discutindo sobre a personagem principal e suas “peripécias”.

Houve percalços, sim, principalmente concernentes a infraestrutura da escola. Por causa desse tipo de problemas, não conseguimos completar todo o período. A escola passava por problemas de ordem elétrica, no sentido de que, em alguns momentos, a energia elétrica, por causa de defeitos no quadro, caía e não voltava, e, quando voltava, era no dia subsequente. Apesar disso não deixamos de querer trabalhar e a segunda



semana de estágio, apesar de curta, serviu para que nós iniciássemos a leitura de outro cordel, intitulado “Seu Lunga, tolerância zero”.

No primeiro dia a segunda semana, lemos novamente o cordel. Nós e os alunos nos revezamos na leitura de cada estrofe e isso ajudou a outros na leitura, ainda que houvesse alguns relutantes que não conseguissem ler. Ainda que incitássemos a ler, não quiseram. Isso torna a ação do professor um pouco mais difícil, mas nada que não pudesse ser contornado. Discutimos o poema, trouxemo-lo a nossa realidade de vida e convívio em sociedade ao fazer a reflexão sobre as atitudes tomadas pela personagem principal do poema, o popular Seu Lunga, que se caracteriza como uma caricatura do nordestino interiorano, pela sua falta de tolerância com algumas perguntas feitas a ele. Assim é conceituado o Seu Lunga:

Ele vai do homem real – Joaquim dos Santos – ao personagem difundido inicialmente pela oralidade, em seguida pelos folhetos de cordel. Seu Lunga é apelido de Joaquim dos Santos, um comerciante da cidade de Juazeiro do Norte, no Ceará, que se tornou conhecido por suas respostas, que costumam ser grosseiras e impacientes. Este comportamento tem inspirado poetas cordelistas a produzirem versos contando gracejos referentes a quebras discursivas, em que Seu Lunga responde de forma literal às perguntas feitas de forma ambígua, ou com intolerância a situações autoexplicativas. (FONSECA; HANKE, p. 66)

De acordo com a citação, podemos perceber que a personagem toma o lugar do homem natural, fazendo com que o Joaquim do Santos, de Juazeiro do Norte, estado do Ceará, coexista em Seu Lunga., ou seja, Seu Lunga tornou-se preponderante em detrimento de Joaquim dos Santos. E a referência ao estado do Ceará faz com que, ainda mais, seja caracterizado como o homem típico do interior nordestino. Este aspecto foi levado em consideração no que diz respeito à caracterização generalizada dos nordestinos, fazendo com que, não somente o habitante do interior, mas o das cidades maiores sejam “Seus Lungas”, por serem nordestinos.

Isto fez com que nossa aula se tornasse uma aula não somente de apresentação de histórias ou de contação destas, mas de análise sociocultural do cordel e si próprio, analisando seu comportamento e atitudes no modo de viver em sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tempo foi curto, apareceram as adversidades, mas nada disso foi pretexto para que pensássemos em parar de ir ao Estadual de José Pinheiro para ministrar nossas aulas



do Estágio. O trabalho é grande, somos em menor número, e quanto mais aparecem professores, mais aparecem alunos e mais trabalho nós temos para planejar aulas e ministrar aulas.

O estágio é a oportunidade para o aluno conhecer seu futuro local de trabalho, ter um primeiro contato direto com alunos e colocar em prática toda a teoria aprendida dentro da academia. Em um primeiro momento, suscita certo receio de não dar conta do trabalho árduo que nos é apresentado. Mas, com o decorrer da ação, o trabalho revela-se um pouco menor cansativo e, quando se tem uma resposta positiva dos alunos, tudo se torna mais fácil e o trabalho flui com mais facilidade.

Evidente é que a escola é um celeiro de oportunidades para a confecção de trabalhos acadêmicos, principalmente no que diz respeito à questão pedagógica (formação do professor), mas outras áreas também podem ser contempladas, como a própria linguística (variação linguística), literatura (formação do leitor), administração, dentre outras áreas que podem ser contempladas em trabalhos acadêmicos. E, aqui, fica nosso estímulo para que a escola seja ainda mais valorizada e levada em consideração no que diz respeito à academia e aos que a frequentam.

REFERÊNCIAS

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2009.

DIA A DIA EDUCAÇÃO. *Leitura e ensino de literatura: reflexões*. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/file/2010/artigos_teses/linguaportuguesa/artigos/mestrado_alice_artigo.pdf>. Acesso em: 23 mai. 2016.

FONSECA, Maria Gislene Carvalho; HANKE, Michael Manfred. Signo /seu lunga/: significados difundidos pela literatura de cordel. *Revista Internacional de Folkcomunicação*, Ponta grossa, v. 11, n. 22, p. 64-82, jan./jun. 2013. Disponível em: <<file:///c:/users/igor/downloads/1591-5260-1-pb.pdf>>. Acesso em: 24 mai. 2016.

JOVER-FALEIROS, Rita. Sobre o prazer de ler e o dever: figurações de leitores e modelos de ensino da literatura. In: DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luzia De; JOVER-FALEIROS, Rita. *Leitura de literatura na escola*. São Paulo: Parábola Editorial, 2013. p. 113-134.



PASSERINI, Gislaine Alexandre. *O estágio supervisionado na formação inicial do professor de matemática na ótica dos estudantes no Curso de Licenciatura em Matemática da UEL*. Londrina, 2007. p. 18.

PINHEIRO, Hélder. *Poesia na sala de aula*. Campina Grande: Bagagem, 2007. p. 71.

RAMOS, Amanda Da Silva; PINTO, Maria Isaura Rodrigues. A questão temática no âmbito da literatura de cordel no Brasil. *Linguagem em (re)vista*, Niterói, v. 10, n. 19, p. 33-57, jan./jun. 2015.

RIBEIRO, Leda Tâmega. *Mito e poesia popular*. Rio de Janeiro: Funarte, 1987. p. 76.

ROUXEL, Annie. Aspectos metodológicos do ensino da literatura. In: DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luzia De; JOVER-FALEIROS, Rita. *Leitura de literatura na escola*. São Paulo: Parábola Editorial, 2013. p. 17-34.